

A CULTURA POPULAR E SUAS CONEXÕES COM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CAPIXABA

Aldemir Luiz Garciaⁱ- CESAT

O interesse pela temática cultura popular e identidade, liga-se à percepção de que o lugar do indivíduo no mundo passa por investimentos simbólicos – comportamentos, atitudes, opiniões – pelos quais ele se afirma e negocia com os demais atores, sua forma de inserção na sociedade. Afinal, a cultura popular, à margem do ensino oficial, vem assegurando a constituição de uma base cultural comum nas diversas sociedades, onde sua sobrevivência é garantida e decerto permanecerá, pela transmissão de geração em geração. Burityⁱⁱ ressalta que a problemática da cultura é hoje um veio de discussão consagrado, que não apenas retrata uma orientação teórica no campo das ciências sociais, mas também reagrupa as preocupações, classicamente associadas à cultura em torno do tema da identidade. Essa orientação teórica, diz respeito à compreensão de que a vivência social é sempre simbolicamente mediada, seja pelo discurso, seja pelas manifestações artísticas em sentido amplo, de modo que tanto se pode dizer que tal vivência é culturalmente construída, como dizer que a cultura é uma construção social, que interage de forma complexa com os diferentes lugares e práticas onde se situam ou por onde circulam os agentes sociais, dando sentido e direção – ou questionando-os – a seus pertencimentos e ações.

Sob esse prisma, o folclore, entendido como cultura popular, forma de saber e processo intelectual de criação ou renovação de valores, constitui-se objeto de investigação científica privilegiado para a Psicologia Social, que, numa perspectiva renovadora – temática, teórica e metodológica – tem buscado considerar tanto os comportamentos individuais, como os fatos sociais em sua concretude e singularidade histórica. Portanto, tendo em vista a multiplicidade da utilização dessa cultura popular, acreditamos que a escola e seus atores podem e devem servir-se do folclore como excelente meio de

transmissão de conhecimentos, ao mesmo tempo em que revelador da cultura do povo. Desta maneira, estaria utilizando esta *outra lógica*, que não está nos livros ou no conteúdo formal, onde quase sempre encontramos a *versão oficial*, para conhecer e interagir com as facetas da consciência popular.

Partindo dessas premissas, esta pesquisa focalizou uma análise sobre as representações sociais de professores sobre o folclore, particularmente o folclore capixaba e sua disseminação, procurando estabelecer conexões entre estas representações com a construção da identidade social, à busca de subsídios que indiquem objetivamente a relação dialética entre cultura e identidade.

Método

Acreditando poder contribuir com o debate sobre o binômio cultura e identidade, propusemos uma análise psicossocial da questão, a partir de uma investigação sobre as representações sociais de professores do município de Vitória sobre o folclore, com a intenção de verificar suas ligações com a construção de uma identidade social. Para tanto nos apoiamos no conceito de representação social, proposto inicialmente por Moscoviciⁱⁱⁱ e no conceito de identidade social, proposto por Tajfel^{iv}.

A nossa posição partiu da concepção de que a formação de identidades ocorre num processo coletivo envolvendo os vários grupos que compõem uma determinada sociedade com o objetivo de organizar a realidade dos indivíduos criando diferenciações entre o que é familiar, compartilhado pelo grupo, e o que é estranho, ou extra-grupo. Tal fenômeno ocorre através das comunicações interindividuais no dia-a-dia, onde fluem conjuntos de conceitos, afirmações e explicações que constituem as representações sociais, através das quais se procede a interpretação e mesmo a construção das realidades sociais.

Nessa perspectiva observamos que, o folclore, devido à pluralidade de seus elementos e ampla circularidade, apresenta-se como um possível instrumento para o diagnóstico de uma identidade social localmente partilhada, e que os professores, pela peculiaridade do seu ofício, são importantes articuladores e difusores dessa cultura. Pesquisamos no total trinta e dois (32) professores de cinco (05) escolas do ensino fundamental. Os dados foram coletados por meio de questionário semi-estruturado, sendo mantidas sob sigilo quaisquer informações sobre a identidade pessoal dos entrevistados. As questões propostas versaram sobre temas relativos à problemática do folclore capixaba e identidade.

Resultados e discussão

Na análise do material, (aqui iremos enfatizar os resultados referentes à relação entre o folclore e a identidade) verificamos uma concordância entre os sujeitos que caracterizaram o folclore capixaba, como um conjunto de manifestações culturais e artísticas oriundos do folclore nacional adaptados à região, que pode ser entendido como um indicador identitário, e associado à cultura espontânea^v, pois se baseia na popularidade e tradicionalidade e tem como principal função facilitar as soluções usuais, cotidianas, admitidas como respostas aos problemas do dia-a-dia, conduzindo os indivíduos a reapropriação e reorganização do seu meio social.

Consideramos que a cultura popular constitui-se em um instrumento fecundo para a compreensão da vida social. O folclore, entendido como “[...] todos elementos culturais que constituem soluções usuais e costumeiramente admitidas e esperadas dos membros de uma sociedade transmitida de geração em geração [...]”^{vi}, pode agir como elemento de fomento à constituição de uma identidade social ampla (devido à sua circularidade), que una os indivíduos a um grupo ou grupos sociais. A maioria dos sujeitos pesquisados admitiu a existência de uma identidade capixaba pautada num compartilhar cultural, que

se constitui, a partir da difusão e valorização do folclore, da transferência de geração em geração das tradições em geral, da vida cotidiana e da comunicação informal, da divulgação da história e geografia regionais e através dos meios de comunicação de massa.

TABELA 1
Como a identidade capixaba se constrói de acordo com os professores

Respostas	%
Divulgação/ valorização do folclore	52,7
Divulgação/ valorização da geografia e da história locais	15,5
Através dos meios de comunicação	15,5
Tradição/ transmissão de geração em geração	24,8
Resistência cultural	3,1
Não responderam	18,6

* A soma total das porcentagens ultrapassa 100%, pois foram consideradas respostas múltiplas.

A Tabela 1 nos apresenta dados que possibilitam a seguinte interpretação sobre a construção da identidade capixaba: 52,7% dos professores acreditam que a divulgação e a valorização do folclore de uma forma geral (pela escola, governo, associações culturais, nas relações interindividuais do dia-a-dia, etc.) é um dos seus principais subsídios; 24,8% responderam que as tradições, sobretudo as familiares, transmitidas de geração em geração são cruciais. Os outros professores ressaltaram também: a divulgação da geografia e da história locais (15,5%); a utilização dos meios de comunicação (15,5%) e a resistência cultural (3,1%). Já 18,6% dos entrevistados não responderam a questão, desconhecendo talvez os processos de construção de identidades.

Quanto às representações da identidade capixaba propriamente ditas, seus elementos constitutivos, obtivemos uma diversidade de respostas, que variam, da combinação de elementos folclóricos (tais como: manifestações artístico-culturais, culinárias e artesanato típico), até referências à história local e ao meio-geográfico, entre outros. Vejamos as

representações sociais de 75,2% dos professores que responderam a respeito de quais seriam os principais elementos constitutivos da identidade capixaba:

TABELA 2
Os principais elementos que constituem a identidade capixaba segundo os professores

Opções de resposta	%
Manifestações artístico-culturais (em geral)	34,1
Tradição oral	12,4
Culinária típica	34,1
Elementos da cultura afro-brasileira	3,1
O meio geográfico	12,4
Artesanato típico	24,8
Religiosidade	12,4
A história local	15,5
Não responderam	24,8

* A soma total das porcentagens ultrapassa 100%, pois foram consideradas respostas múltiplas.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 2, verificamos, que segundo os professores, a identidade capixaba é formada pelos seguintes elementos: manifestações artístico-culturais em geral, 34,1% (foram citadas festas tradicionais, música e medicina popular, etc.); culinária típica 34,1% (destaques: torta e moqueca capixaba); artesanato típico 24,8% (principalmente as panelas de barro, artesanato de conchas, cerâmica, etc.); a história local 15,5%; a tradição oral 12,4% (receitas, costumes, simpatias, etc.); o meio geográfico 12,4% (as praias, o mangue, as montanhas); a religiosidade 12,4% (templos históricos, festas religiosas); e alguns elementos da cultura afro-brasileira 3,1% (música e dança, como o congo). Quanto aos 24,8% dos professores que não responderam a questão, podemos supor ao menos duas explicações: ou não concordaram com a idéia de uma identidade capixaba, ou concordando com tal idéia, não identificaram os seus elementos constitutivos.

De acordo com Moscovici^{vii}, as Representações Sociais podem ser entendidas como um conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado, que se

vê nas mentes das pessoas e na mídia, nos bares, nas esquinas, nos comentários das rádios e TVs. Pode-se dizer que as R.S. são realidades sociais e culturais, e não meras produções simbólicas de indivíduos isolados. Elas existem tanto na cultura como nas mentes das pessoas, são coletivamente sentidas e percebidas. Expressam e estruturam tanto a identidade como as condições sociais dos atores que as produzem e as transformam.

Portanto, as R.S. apresentam-se como fonte para a compreensão dos mecanismos que compõem o processo de constituição da identidade social dos indivíduos (definida por Tajfel como o conhecimento que o sujeito tem, de pertencimento a determinados grupos sociais e o valor emocional atribuído a essa pertença), visto que os grupos sociais recorrem constantemente ao uso de representações tanto para a promoção de uma consciência comum no âmbito interno (intra-grupo), quanto para a defesa de interesses próprios no contexto externo (inter-grupo). As representações sociais dos professores sobre o folclore capixaba, em todas as questões propostas no instrumento de coleta de dados (desde suas características, como: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade; até as referências sobre sua utilização cotidiana e na escola; e sua função homogeneizadora na constituição de uma identidade local), nos parecem positivas, o que pode ser interpretado como uma forma de valorização das características do grupo social (capixaba), em contraposição aos de fora (cariocas, baianos, paulistas, etc.).

Partilhar a identidade capixaba, na visão dos sujeitos seria, portanto, participar de alguma forma das manifestações artístico-culturais (como as congadas, as puxadas de mastro, procissões religiosas, etc.), mesmo que *de fora*, como curioso ou simples espectador; perceber o valor da história (analisando nossos problemas sócio-econômicos objetivando solucioná-los e valorizando nossas conquistas), e da geografia (sentindo-se em casa,

num passeio por nossas praias e montanhas); desfrutar das delícias de nossa culinária típica (uma bela moqueca cozida numa panela de barro confeccionada pelas tradicionais paneleiras); ir a feirinhas de bairro e comprar um artesanato manufaturado pelo artesão local; escutar dos mais idosos, receitas, aconselhamentos, superstições, idéias que percorrem gerações, que possam nos ajudar a resolver problemas do cotidiano; ou seja, para se identificar como capixaba, basta querer, basta se sentir capixaba.

Desta forma, preconizando o intercâmbio dialético entre representações e identidade social, como proposto por Breakwell^{viii}, verificamos no presente estudo, que a representação social pode decorrer tanto de uma afiliação grupal quanto a adoção de uma representação pode vir a definir uma afiliação a um grupo social, ou seja, o conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado, os modos de pensar e agir dos sujeitos podem se pautar numa afiliação desses sujeitos a um grupo, como também, as R.S. podem definir uma afiliação, constituindo o conhecimento que o sujeito tem, de pertencimento a determinados grupos sociais e o valor emocional atribuído a essa pertença.

Tal intercâmbio fica demonstrado, quando observamos a crença dos sujeitos numa identidade capixaba pautada num conjunto de elementos culturais compartilhado pelos grupos sociais locais, que se constrói no cotidiano e estrutura as condições sociais dos atores que as produzem e as transformam. O debate sobre a identidade capixaba nunca esteve tão vivo e sua divulgação tão intensificada na mídia em geral. Observamos que, com o desenvolvimento político-econômico do estado, articularam-se elementos (a instalação de grandes indústrias e a ampliação dos portos, o processo migratório, a consolidação de uma elite política e empresarial local), que possibilitaram a criação de uma imagem que definisse o Espírito Santo, suas peculiaridades empreendedoras, e sua

população, uma identidade característica, que nos diferenciasses dos outros, dos nossos vizinhos, principalmente dos estados do sudeste.

Desta forma o Espírito Santo pode participar do imaginário nacional, simbolizado de alguma forma, (pela panela de barro e a moqueca capixaba, pelo batuque do congo, pelo marlim-azul do nosso litoral, pela religiosidade presente nas festas populares, pelas montanhas de clima europeu ou pela receptividade dos seus habitantes), em comparação com o Rio, (do Pão de Açúcar e do Cristo, do samba e da malandragem), com São Paulo (da Avenida Paulista, com seu poderio econômico e sotaque carregado nos *erres*), ou Minas, (com suas riquezas barrocas e seu pão de queijo). Este processo de constituição de identidades está em constante gestão, tanto dentro, quanto fora do estado, numa associação de elementos, valorativos e também depreciativos, que nos definem como pertencentes a determinado grupo ou grupos sociais, nos caracterizando ou não como capixabas. Afinal, com o avanço do processo de globalização e todas as suas conseqüências transformadoras da realidade social, para ser capixaba não basta, apenas, nascer no Espírito Santo, faz-se necessário o partilhar da vida cotidiana e dos sentidos locais.

ⁱ Mestre em Psicologia – UFES. Professor do Curso de História do CESAT e JSIMÕES.

ⁱⁱ BURITY, J.A. (Org.). *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ⁱⁱⁱ MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

^{iv}TAJFEL, H. *Grupos Humanos e categorias sociais*. v. 1. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

_____. *Grupos Humanos e categorias sociais*. v. 2. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

^v A cultura popular ou espontânea, não necessita de meios (mídias) sofisticadas para sua divulgação, mesmo podendo recorrer a eles. A cultura espontânea faz parte do nosso dia-a-dia de maneira tal, que se torna perene, duradoura, comum na vida de todos nós; tão comum que, muitas vezes, passa despercebida (GUIMARÃES, 2002, p.4).

^{vi} FERNANDES, F. *O folclore em questão*. São Paulo: Hucitec, 1978.

^{vii} MOSCOVICI, S. The phenomenon of social representations. In: FARR, R.M. & MOSCOVICI, S. (Eds.). *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 3-69.

^{viii} BREAKWELL, G.M. Integrating paradigms, methodological implications. In: BREAKWELL, G.M. & CANTER, D.V. (Eds.). *Empirical approaches to social representations*. London: Oxford University Press, 1993, p. 180-201.